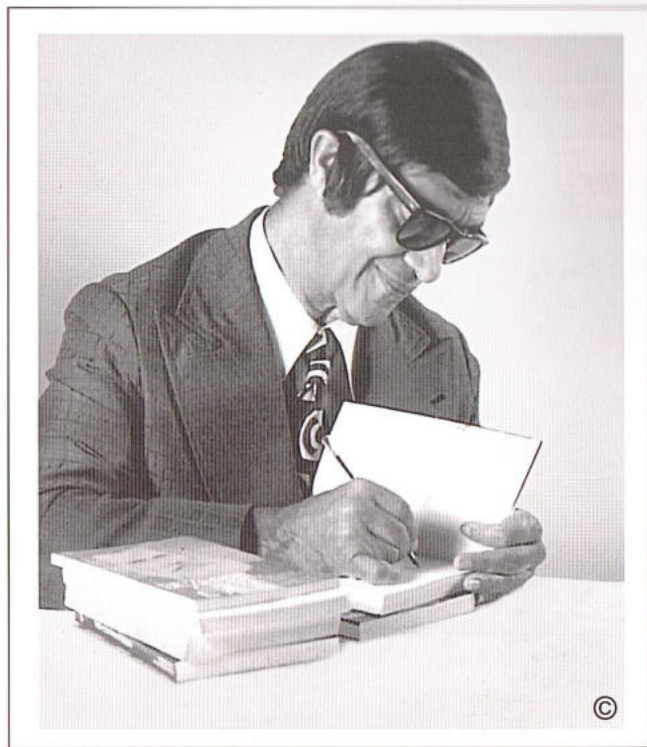




O livro nos traz os discursos de Chico Xavier ao receber títulos de cidadania em seis importantes cidades de nosso País. Inspirado por Emmanuel, em cada Assembleia Legislativa suas revelações foram tão surpreendentes que mereceram aprofundada análise do conhecido historiador de Campinas-SP, Jolumá Britto.



ISBN 978-85-7046-190-2



9 788570 461902

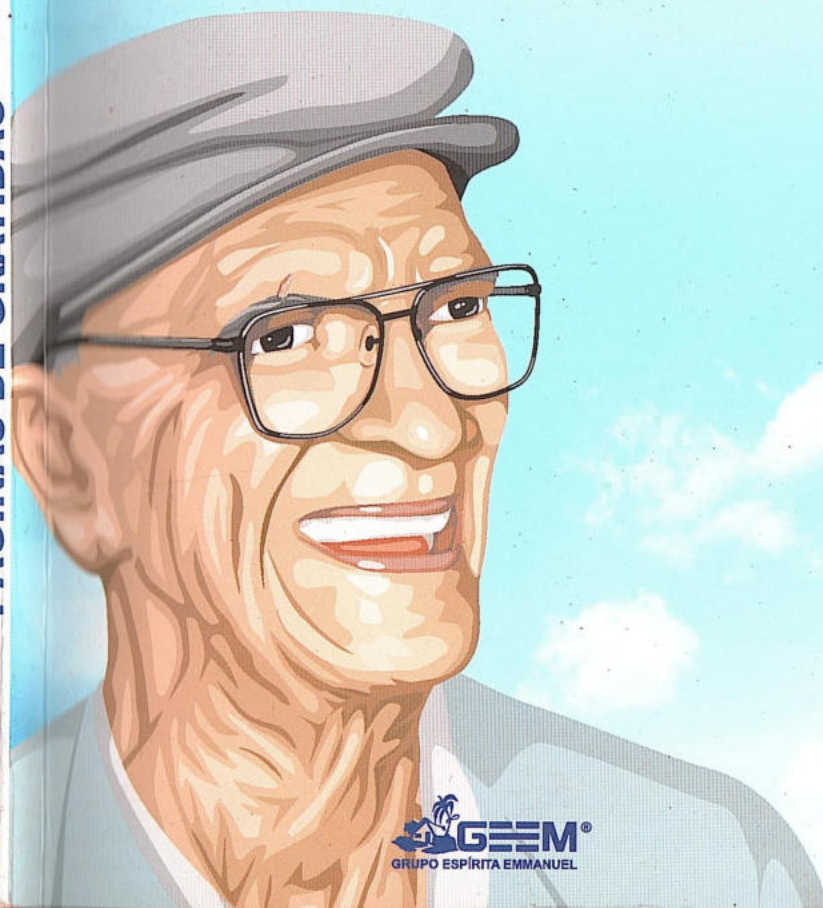
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

PÁGINAS DE GRATIDÃO

GEM

Francisco Cândido Xavier

Páginas de Gratidão



Francisco Cândido Xavier

Páginas de Gratidão



Edição GEEM – Grupo Espírita Emmanuel
São Bernardo do Campo – SP

— 2010 —

Centenário do Nascimento
de
Francisco Cândido Xavier



Aos queridos amigos
 Caio e Thais,
 uma lembrança
 dos meus setenta e
 três anos em 2 de
 abril de 1983.
 Afetuoso abraço
 do Chico

(Foto em 2-4-83)

Veraba, 11-8-83

© Copyright 05/02/1996 by
GEEM – Grupo Espírita Emmanuel
1ª Edição – 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida por quaisquer meios de qualquer natureza, sem a permissão expressa e por escrito do titular dos direitos autorais.

DIREITOS AUTORAIS CEDIDOS AO
GEEM – GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL
CNPJ: 59.141.085/0001-70
Telefax: (011) 4109-7122
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2.857
Caixa Postal 70
São Bernardo do Campo – SP – Brasil
CEP: 09720-971

Coordenação: Caio Ramacciotti
Capa e ilustrações: Alceu Arasaki
Foto da 4ª capa: © Copyright by GEEM
Colaboração: Vivaldo da Cunha Borges
(in memoriam)

E-mail: geem@geem.org.br
Site: www.geem.org.br

FICHA CATALOGRÁFICA
(Elaborada pela Editora)

Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002.
Páginas de Gratidão / Francisco Cândido Xavier. São Bernardo do Campo, SP: GEEM – Grupo Espírita Emmanuel, 2015.

1ª edição (abril de 2020) — 128 p.
São Bernardo do Campo-SP
GEEM – Grupo Espírita Emmanuel
CDD-133.9
133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9
2. Mensagens mediúnicas 133.93

Títulos de Cidadania

Sumário	09
Apresentação	11
1 São Bernardo do Campo-SP	13
2 Rio de Janeiro-RJ	31
3 São Paulo-SP	45
4 Campinas-SP	71
5 Araguari-MG	91
6 Belo Horizonte-MG	107

APRESENTAÇÃO

O GEEM recebeu de Chico Xavier seis discursos, proferidos quando do recebimento dos títulos de cidadania de algumas cidades do país, quais sejam: São Bernardo do Campo, Rio de Janeiro, o então Estado da Guanabara, São Paulo, Campinas, Araguari e Belo Horizonte.

Os respectivos diplomas foram-lhe outorgados na década de 70, em que Chico esteve frequentemente presente na mídia televisiva e em toda a nossa imprensa de modo geral.

Nessa época, de modo especial, o Brasil conheceu a extraordinária figura do médium que, em toda a sua longa existência, marcou presença nos lares de nossa terra e do exterior, ensinando-nos as lições de amor e de esperança, respaldado na vivência plena do Evangelho de Jesus.

Foi o grande divulgador do espiritismo no decorrer de todo o século XX, vivenciando-o integralmente.

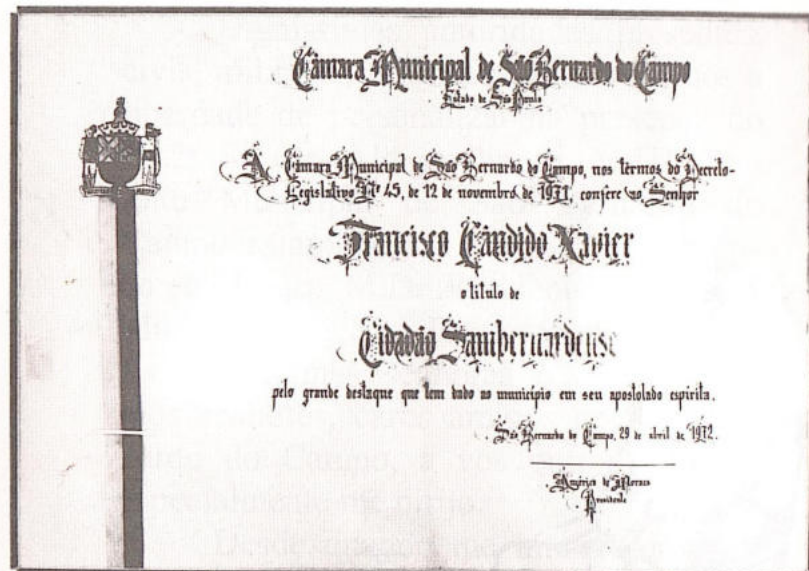
Há em seus discursos, que ora editamos, surpreendentes revelações, feitas em cada uma

das cidades acima citadas. Por exemplo, ao falar da capital paulista, descreve a vinda de João Ramalho desde Santo André da Borda do Campo para São Paulo, percorrendo as árduas sendas da Serra do Mar, sob a inspiração de Manoel da Nóbrega.

Há também riquíssimos fatos em sua alocação de Campinas, revelações desconhecidas por ele mesmo e pela comunidade campineira presente à solenidade da outorga do título. As revelações de Chico, em suas inspiradas palavras, envolvendo, entre outros, o inolvidável Carlos Gomes, foram referendadas por Jolumá Britto, autor de várias obras sobre a história da formação da cidade.

Todos os discursos de Francisco Cândido Xavier, inspirados por Emmanuel, que lhe apresentamos, caro leitor, neste livro, são páginas de luz a se perpetuarem por toda a posteridade.

Caio Ramacciotti
GEEM-Grupo Espírita Emmanuel
São Bernardo do Campo, 02 abril de 2020.





Título de Cidadão Sambernardense
29 de abril de 1972

Digníssimas autoridades presentes, civis, militares, religiosas, que tomamos a liberdade de personalizar na presença do Ex.^{mo} Sr. Dr. Aldino Pinotti, M. D. Prefeito Municipal de São Bernardo do Campo e na presença do Ex.^{mo} Sr. Américo de Moraes, M.D. Presidente da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo; Excelentíssimas senhoras e excelentíssimos senhores, caros amigos de São Bernardo do Campo, a vós outros a quem especialmente me dirijo.

Desde quando me inteirei dos termos do Decreto legislativo nº 45, de 12 de novembro de 1971, promulgado pelo Ex.^{mo} Sr. Américo de Moraes, M.D. Presidente da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo, atendendo à propositura

do Ex.^{mo} Sr. Álvaro Domingues, honrado e distinto legislador do Município, a quem sou imensamente reconhecido, concedendo-me a honrosa cidadania sambernardense, venho procurando meios de agradecer-vos a generosidade.

Confesso-vos, porém, que nada encontrei em mim capaz de erguer-me à altura de vossa concessão.

Por isso mesmo, em minha pequenez, no momento justo de externar-vos a gratidão que me possui o espírito, a profunda emoção que me anima nesta hora, compreendo, com mais força de convicção, a ternura e o apreço com que homenageais a Doutrina Espírita, à Luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, já que para comparecer ao vosso festival de bondade não disponho de outro atributo, a não ser aquele de apagado instrumento dos Benfeitores Espirituais, que se valem deste vosso pequenino servidor para

falarem da imortalidade da alma e dos inesquecíveis ensinamentos do Cristo de Deus.

À maneira de artistas eméritos, eles procedem assim, valendo-se de mim à maneira igualmente de um violino estragado e rústico, através do qual tentam arrancar melodias que se caracterizam pelo imenso amor e pelo infinito respeito a Deus.

Entendendo deste modo a minha desvalia manifesta, peço-vos permissão para converter o meu reconhecimento em preces ardentes ao Todo Misericordioso, ao nosso Pai de Infinita Bondade, rogando aos Céus vos acrescentem os tesouros de paz e segurança, trabalho e felicidade, com que vos engrandeceis cada vez mais diante do futuro. Rogo mais ainda, peço vênica para transfigurar este mesmo reconhecimento em saudação ao vosso admirável destino histórico das crônicas referentes à colonização do País.

Sabemos que a expedição de Martim Afonso de Souza, determinada por D. João III para avaliação das novas terras, alcançou o antigo porto de Cananeia, na chamada Ilha do Bom Abrigo, a 12 de agosto de 1531, aí encontrando João Ramalho, o valoroso sertanista que chegara há tempos antes ao Brasil, com sede de progresso.

Conta-se nas tradições orais de vossa e nossa Cidade que, depois de algum refazimento, muitos dos amigos portugueses recém-chegados solicitaram a Ramalho lhes fizesse ver pelo menos ligeira amostra da gleba imensa que se lhes desdobrava maravilhosamente à vista.

O genro do Cacique Tibiriçá aquiesceu, e a viagem começou. Entretanto, desdobrou-se difícil para aquém do mar litorâneo: obstáculos, veredas escabrosas, chuvas inesperadas, alimárias em fadiga.

Atingindo a borda do campo, o

grande sertanista foi tomado de profunda tristeza por encontrar centenas de crianças guaianases nas aldeias tomadas de enfermidade e de penúria.

A garoa batia nas aldeias ao impacto do vento forte, a enfermidade alastrava-se, o sofrimento prosseguia; entretanto a caravana precisava continuar.

Ao entardecer de 19 de agosto daquele mesmo ano de 1531, a expedição acampou justamente no ponto em que se vos ergue por relíquia inestimável a Capela da Boa Viagem, e, na manhã seguinte, no dia 20 de agosto, consagrado a São Bernardo de Claraval, houve ofício religioso, celebrado por um dos sacerdotes da comissão.

Ao ensejo, o religioso amigo se referiu à biografia do ilustre abade que não desdenhava descer da grandeza de sua cultura e de sua autoridade para socorrer os menos felizes, as crianças doentes, os

transviados da noite, os viajantes em luta na terra, então inóspita, de ClairVaux.

João Ramalho, cristão novo, ardente na fé, escutou a preleção e, ajoelhado, depondo as suas armas sobre a terra, rogou a São Bernardo para que se fizesse o benfeitor do povo da Terra de Santa Cruz, então nascente, e rogou para que ele abençoasse as crianças do campo imenso, que auxiliasse a população a se livrar da penúria, do frio, da enfermidade e da morte.

E, depois de algum tempo, ele mesmo promoveu a fundação da primeira capela primitiva, antecipando-se a Antonio Pinheiro da Costa, que em 1728 ratificou o nome de São Bernardo para a Sesmaria que lhe fora confiada pela coroa portuguesa. Espírita-cristão que sou, guardo a certeza de que o espírito sublimado de São Bernardo de Claraval aceitou a prece de João Ramalho e vos abraçou os 413 quilômetros quadrados de território.

Dizemos assim porque nós cremos, pela nossa formação cristã no Brasil, que os grandes heróis do Cristianismo não estão mortos; eles continuam orientando o nosso progresso, são os baluartes de sustentação da cristandade e, portanto, da civilização, no mundo inteiro.

Eles continuam conosco, abençoando-nos em nossas dificuldades e nos auxiliando a ser cada vez mais irmãos uns dos outros, sem necessidade de recurso à violência.

Eles prosseguem na condição de apoio para todos aqueles que amadureceram e que amadurecem nas experiências da vida, amparando-nos em nossa peregrinação de espíritos eternos.

Em João Ramalho, elegestes São Bernardo por patrono espiritual da vossa vocação de servir, e São Bernardo ter-vos-á escolhido para instrumento de vossa missão histórica.

Por essa razão, nós cremos que a legenda do vosso brasão, muito antes que descesse das esferas superiores ao pensamento do nosso ilustre historiador Affonso D'Escragnoille Taunay, essa mesma legenda brilhava tanto quanto brilha e brilhará sempre no coração daquele que se erigiu em nosso benfeitor e patrono de vossas realizações.

“Paulistarum Terra Mater”, Terra-Mãe dos paulistas! São Bernardo vos abençoou para que esperassem 400 anos, auxiliando a formação das cidades vizinhas, amparando a todas elas com vosso desprendimento.

Quatro séculos de trabalho!

Mas, quando surgiu na Terra o alvorecer da Era do Espírito, ei-lo que vos convocou para a missão histórica, para a admirável missão histórica que vos assinala a destinação.

Sois hoje a comunidade econômica

e industrial que se colocou à frente do País inteiro, sem ofensa às outras cidades que são para nós todos padrões de grandeza e de sublimação espiritual.

Conscientes da vossa missão, sob o influxo de São Bernardo de Claraval, puseste-vos em campo para libertar-nos a nós outros, os brasileiros de outras terras, do frio, do subdesenvolvimento, e calçastes o País inteiro de rodas possantes, para que a nação se atirasse a caminho das vanguardas da civilização, trabalho esse pelo qual nós todos vos louvamos e vos abençoamos, no sentido de rogarmos a Deus para que vos abençoe de modo permanente.

Organizastes frentes de trabalho em que a ordem é um atributo indiscutível dos vossos milhares de técnicos e trabalhadores especializados. Formastes chefes dignos, cujo comportamento se nos ergue em exemplo dentro da nação inteira e,

sobretudo, concedestes à criança prioridade em todos os vossos trabalhos e em todas as vossas realizações.

O ideal do espírito sublimado de São Bernardo de Claraval se estampa em vossa cidade, em vossa comunidade, em vossos ideais, em vossas realizações, unindo-nos a todos na mesma fé cristã, na mesma fé cristã que, com a bênção de Deus, nos auxiliará a todos e a cada um na realização dos nossos propósitos de caminhar em harmonia, sem ódio, sem violência, sem vingança, sem egoísmo no caminho do futuro milênio.

Terminando, e referindo-nos à vossa missão sublime junto à criança que encontra, em São Bernardo do Campo, clima de assistência em padrão talvez ainda impraticável nas outras comunidades do País, em nos referindo ao vosso ideal e ao vosso trabalho, rogamos a vossa permissão para repartir as alegrias, as gentilezas que me

concedestes, sem nenhum mérito de minha parte, nesta noite, com um grande paulista e brasileiro, que se vos associou ao trabalho gigantesco no levantamento do Brasil e do futuro.

Há 12 anos consecutivos, acompanho-lhe a tarefa no sentido de se integrar convosco em vossa missão histórica.

Posso dizer com o coração nas palavras que, desde o momento em que esse grande paulista e brasileiro vos conheceu, ele se associou convosco na mesma empresa, fascinado por vossa bondade, tanto quanto nos encontramos fascinados neste instante.

E empobreceu-se de recursos materiais para transplantar toda uma instituição, ansioso de ver as suas dezenas de crianças tuteladas nesta mesma cidade, onde as crianças do Brasil e do mundo encontram um clima talvez tão acolhedor e tão seguro como em nenhuma parte da Terra.

Desembolsou-se de recursos materiais, conquanto haja erguido em cada filho um tesouro de cultura e de bondade, enriquecido que ele se encontra ao contato de vosso imenso calor humano, feliz com a felicidade que sabeis distribuir com todos nós.

Para esse paulista e brasileiro, de dimensões gigantescas no coração e na inteligência, rogo a vossa permissão para dividir com ele os louros que pertencem a vós outros, que passam por minhas mãos sem que eu os mereça, mas que assumirão nas mãos dele a riqueza que estes mesmos louros podem criar e engrandecer.

Este amigo, que nos desculpará semelhante lembrança, em mais de 12 anos, já espalhou de São Bernardo do Campo para o Brasil inteiro, de Norte a Sul, e de Leste a Oeste, incluindo países diversos do exterior, mais de vinte milhões de páginas de Doutrina Espírita-Cristã,

lembrando a cada um de nós a lição permanente do Cristo de Deus interpretada à luz dos princípios de Allan Kardec.

Este homem, fascinado por vosso progresso, deu-vos e deu-nos a nós uma Editora florescente que honra o nome de São Bernardo do Campo na América do Norte, na América Central, em diversos países da Europa, da Ásia, da Austrália, da Oceania.

Este homem é o nosso caro amigo Rolando Mário Ramacciotti.

Eu não tenho expressões para agradecer. Falo de mim, perdoem-me o pronome pessoal, e dos amigos de Pedro Leopoldo, incluindo os queridos familiares meus, presentes na Assembleia, dos amigos de Uberaba, dos amigos de Ribeirão Preto, outra cidade metropolitana do Estado de São Paulo que me adotou por filho.

Eu não tenho palavras para expressar o nosso agradecimento; a memória

turvou-se pela emoção, porque muitas vezes as lágrimas provocam uma invasão de todos os nossos sentidos. E, diante de vossa bondade, elas nasceram e nascem de meu coração, não apenas para os olhos, mas também para o meu raciocínio.

Agradeço a todos, a todos aqueles que se fizeram ouvir. Não pronunciarei nomes, porque posso incorrer, numa hora assim de turvação dos meus sentidos pela alegria e pelo reconhecimento, posso cometer o delito da ingratidão. Agradeço assim a São Bernardo do Campo, agradecendo a vós todos, a todos vós amigos queridos.

Esta é uma noite inesquecível para minha memória e para o meu coração e, para terminar, abraçando a nossa Assembleia, abraçando a todos os caros amigos sambernardenses, na pessoa do nosso muito digno Prefeito Municipal Dr. Aldino Pinotti e na pessoa do nosso M.D.

Presidente da Câmara Municipal, Sr. Américo de Moraes, nós terminamos, repetindo a nossa saudação:

— PAULISTARUM TERRA MATER!

Nós vos saudamos, São Bernardo do Campo, Terra-Mãe dos paulistas e consequentemente terra maternal de todos nós, terra maternal de todos os brasileiros!

(Milhares de pessoas aplaudem em pé, demoradamente)
(Revista Comunicação — edição de 04/1972)



Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara

No exercício das atribuições que a Lei me confere e
nos termos do Requerimento n.º 243-72 de autoria do Deputado
Átila Nunes Filho aprovado
pelo Poder Legislativo em sessão de 24 de maio de 1972,
confiro a **Francisco Lencio Xavier**
o título de Cidadão do Estado da Guanabara, outorgado pela
Resolução n.º 135-72.

Rio de Janeiro, (GR), 2 de junho de 1972.

Paulo Vitorino
PRESIDENTE



Título de Cidadão Carioca

22 de setembro de 1972

Autoridades presentes, nomeadas por
Francisco Cândido Xavier:

- Dr. Paschoal Cittadino, muito digno
Chefe do Poder Legislativo do Estado da
Guanabara;
- Deputados Dr. Átila Nunes Filho e Dr.
Rubem Dourado;
- Almirante Silvio Heck;
- General Aldir Haley;
- Representante da Aliança Renovadora
Nacional, Deputado João Xavier;
- Sr. Geraldo de Aquino, muito digno
Presidente da Organização Umbandista
Paulo de Tarso;
- Digníssimas Autoridades, Ex.^{mas} Senho-
ras e Senhores. Caros Amigos da Guana-
bara.

Quisera, em verdade, formular uma oração que vos desse a medida do meu respeito e reconhecimento nesta hora. Entretanto, dois motivos me impedem semelhante realização:

Primeiro, falta-me cultura suficiente para tanto.

E, em segundo plano, reconheço que a emoção que me toma todos os domínios do espírito não encontrou palavras que conseguissem definir o meu jubiloso agradecimento e o meu profundo apreço.

Escutei emocionadamente as palavras pronunciadas, neste augusto recinto, a meu respeito.

Desde a publicação da Resolução nº 735, em 5 de junho deste ano, assinada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Paschoal Cittadino, nosso digníssimo Chefe do Poder Legislativo do Estado da Guanabara, e desde o momento em que tomei a informação devida com respeito à propositura do

Exm.^o Sr. Deputado Átila Nunes Filho, que solicitava para este vosso pequenino servidor a honra da cidadania guanabarina, venho pensando em agradecer-vos por tudo, dentro de minha fala.

Será debalde, todavia, meu esforço nesse agradecimento, de vez que qualquer conceito verbal seria insuficiente, precário mesmo, para corresponder aos meus anseios de dizer-vos toda a alegria e toda a veneração que me tomam a alma, diante de tão profunda e inextinguível bondade.

Não tenho qualidades para receber semelhantes honrarias.

Ante a palavra do Exm.^o Sr. Deputado Átila Nunes Filho, a palavra do Exm.^o Sr. Deputado Dr. Rubem Dourado, a palavra do Exm.^o Sr. Deputado Dr. João Xavier, sinto-me na obrigação de explicar-vos que compareci a esta Egrégia Casa do Poder Legislativo do Estado da Guanabara cumprindo um dever.

Estou despojado de quaisquer recursos para corresponder-vos à imensa bondade.

Os livros que elogiaram, talvez por simpatia e generosidade vossas e por nenhum merecimento de minha parte, pertencem aos Amigos Espirituais que os escreveram no curso de mais de 40 anos de trabalho sucessivo.

A obra assistencial a que vos referis, seja em Uberaba ou em Pedro Leopoldo, pertence àqueles companheiros que ali mourejam de sol a sol.

Sinto-me como se fosse uma parede pobre, sobre a qual se pregasse um cartaz anunciando os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. O merecimento será da mensagem que atravessou vinte séculos e continua conosco, como sendo a nossa maior esperança.

Oxalá possa eu, como parede arruinada, permanecer de pé por mais algum

tempo para servir sempre a Ele.

Reporto-me às condições de precariedade espiritual, moral e cultural com que compareço diante de vós todos para guardar fidelidade à minha consciência, conquanto deva dizer de público o meu profundo reconhecimento à propositura do nosso grande e abnegado amigo, o jovem deputado Dr. Átila Nunes Filho.

Dizer-vos do meu reconhecimento à grandeza de coração, à suprema altura de espírito com que esta augusta Casa é dirigida, em nome de todos aqueles que merecem a honraria desta hora, é difícil. Eu vos digo: muito obrigado, se uma parede arruinada pode ter voz diante de Plenário tão venerável e tão distinto.

Peço mesmo o vosso perdão se assim me expresso, porque não desejo trair a verdade e venho até vós outros muito mais com o meu coração.

Rogo a vossa tolerância até mesmo

porque o aspecto de distinção com que pude comparecer foi cuidado por amigos nossos, para que na verdade pudesse, de algum modo, minha presença corresponder à dignidade de vosso recinto.

Conto com as vossas desculpas, tanto quanto estou recebendo o testemunho de vossa generosidade.

Lembro-me, nesta hora, dos dias de Pedro Leopoldo, quando sonhava conhecer a Cidade Maravilhosa, que construístes e sustentais com as bênçãos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lembro-me que um amigo inesquecível, um benfeitor guardado para sempre na memória, grande cidadão do Rio de Janeiro, em conhecendo o meu ideal, prontificou-se a trazer-me até aqui:

— nosso grande companheiro Manuel Justiniano Quintão, que me descerrou a visão do Rio de Janeiro pela primeira vez.

Ele, que não mais se encontra entre

nós na Vida Física, naturalmente se orgulhará de vossa bondade para comigo, já que não tenho mérito algum para compartilhar a honrosa cidadania que me concedestes.

Lembro-me de Uberaba, quando tantas vezes nos referimos à grandeza e ao progresso do Estado da Guanabara e desejaria, com essas lembranças, entreter um hino de reconhecimento em que vos pudesse comunicar minha emoção, minha alegria, meu respeito, meu apreço sem limites.

Mas, aqui estou, pequeno criado vosso, para responder presente, em nome da Doutrina Espírita. (Palmas)

Quis a respeitada Organização Umbandista do Rio de Janeiro, por seu muito digno intérprete nesta Egrégia Assembleia, o nosso muito respeitável e digno Deputado Dr. Átila Nunes Filho, homenagear decerto a Confederação kardequiana.

E para tal, com uma honrosa aprovação do Poder Legislativo deste Estado, os nossos caros irmãos umbandistas escolheram a mim, o menor, o último dos espíritas-cristãos, para recolher semelhante testemunho de acatamento, seja pelo brilho de vossa bondade ou pela tessitura das circunstâncias que culminaram com o vosso gesto, acolhendo-me neste recinto.

Reconheço-me, junto de vós todos, na condição de humilde servidor, ignorando como testemunhar reconhecimento à cidadania honrosa que me outorgais.

Rogo vosso consentimento para sentar-me, deste modo, à maneira de um criado obscuro desta Casa, na ponte de vossa magnanimidade. De um lado encontro os doutores beneméritos e de outro lado vejo os felizes contemplados pela honrosa concessão que nos fizestes.

Rogo, deste modo, a permissão vossa para considerar que esta honra pertence

à comunidade espírita evangélica e não a mim, que nada fiz até hoje por merecê-la.

Por isto mesmo, rogo delongar minha pobre palavra ainda por alguns momentos, de vez que desejo venhais a aprovar nossos anseios de transferir a honrosa homenagem desta hora à nossa venerável Federação Espírita Brasileira, nascida aqui mesmo, nesta Capital, em 1883, e que, há quase um século, vem dirigindo com segurança e grandeza os destinos do Espiritismo Evangélico em nosso País.

E o faz desde os dias de seus inesquecíveis pioneiros que foram, entre outros, o Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, o Marechal Ewerton Quadros, o Sr. Augusto Elias da Silva, o Dr. Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, o Sr. Antônio Luiz Sayão.

Resumindo as nossas lembranças, para não nos alongar com a nossa palavra inexpressiva, desde os primeiros dias de

seu pioneirismo, a Federação Espírita Brasileira tem sido um sustentáculo de sabedoria, de amor, de paz e de concórdia para todos os espíritas, para todos os cristãos de outras confissões religiosas no Brasil, à metrópole da bondade e da cultura, a todos vós que significais a comunidade do Estado da Guanabara, que já nasceu cidade em 1565.

Do Estado da Guanabara que guardou os destinos do nosso País com segurança, lealdade, grandeza e equilíbrio, durante quase 200 anos.

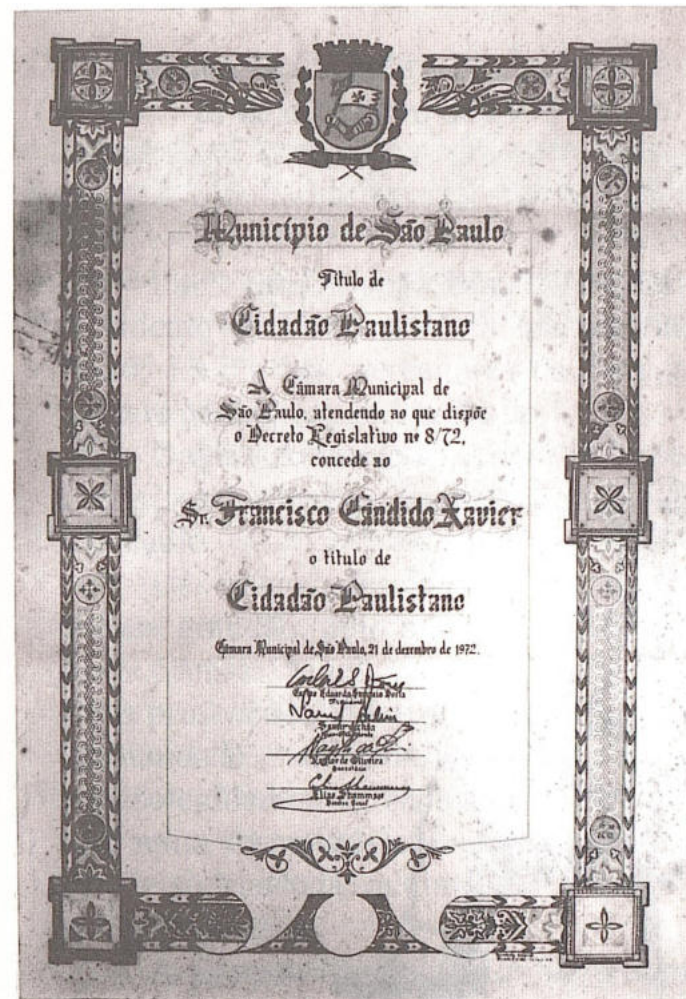
Do Estado da Guanabara que reflete entre os Estados do nosso País como sendo o espelho de todas as virtudes e de todas as qualidades excelentes de nosso País diante do mundo.

Aos legisladores desta augusta Assembleia, o meu muito obrigado e os meus votos a Nosso Senhor Jesus Cristo para que todos nós, honrando o nome de

cristãos que ostentamos, possamos viver, diante uns dos outros, num respeito recíproco sem violência, com o amor com que devemos, uns aos outros, a felicidade a que cada um tem direito pelo rendimento de seu próprio trabalho.

Os nossos votos para que todos nós, sejamos católicos, evangélicos, umbandistas ou espíritas, todos nós possamos viver com a bênção de Jesus Cristo, amando-nos e respeitando-nos uns aos outros, buscando em nosso próprio trabalho a motivação do nosso progresso, a fim de continuarmos, diante do mundo, sendo aquele povo destinado a doar ao nosso mesmo mundo a bênção generosa, a bênção imperecível de Deus.

(Palmas)





Título de Cidadão Paulistano

21 de dezembro de 1973

Ex.^{mo} Sr. Dr. João Brasil Vita, DD.
Presidente da Câmara Municipal de São
Paulo; Ex.^{mos} Srs. vereadores da Egrégia
Câmara Municipal de São Paulo.

Dignas Autoridades civis, militares
e religiosas presentes; queridos Amigos de
São Paulo.

De início, desejo fixar a minha
imensa gratidão, pelo acolhimento da au-
gusta Câmara Municipal de São Paulo à
nossa presença humilde, à generosidade da
Comunidade Paulistana, comparecendo a
esta solenidade e à saudação, imerecida
para mim, formulada pelo digno vereador
Dr. Celso Matsuda, que me ecoou nos re-
cessos do espírito.

A Câmara Municipal de São Paulo,

atendendo à generosa propositura do Ex.^{mo} Senhor Vereador Oswaldo Giralde, a quem sou profundamente reconhecido, pelo Decreto Legislativo nº 8/72, de dezembro do ano findo, outorgou-me a honrosa Cidadania Paulistana, e aqui estou para agradecer.

Quase que traumatizado de alegria diante da vossa grandeza de sentimento, debalde procuro, em meu estreito vocabulário, as palavras suscetíveis de me configurar o reconhecimento. Em verdade, não as encontro.

Entendo, no entanto, que o Criador a nenhuma criatura deixa órfã e, se em matéria de comunicação, destinou o verbo claro e luminoso para as inteligências mais cultas, terá reservado a emoção espontânea e simples para aquelas outras que ainda não conseguiram realizar o seu próprio burilamento, entre as quais se encontra este vosso obscuro servidor.

Falo-vos assim unicamente com as forças do coração.

Relevai o desvalimento cultural e total com que compareço perante a vossa ilimitada bondade, mas é forçoso que me disponha a vasculhar o meu próprio íntimo para reconhecer que não mereço o elevado troféu que me atribuí. Efetivamente, nada fiz para conquistá-lo.

Compreendo, porém, que desejando manifestar o vosso apreço com a Doutrina Espírita, que amplia atualmente os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, em dimensões mais elevadas, quisestes demonstrar, mais uma vez, a vossa magnanimidade, trazendo a mim até aqui.

A mim, o último dos últimos servidores das atividades espíritas evangélicas, a fim de recolher a nobre honraria de que toda a comunidade espírita-cristã da grande São Paulo se faz credora.

Pequenino servidor vosso, aqui me

vejo para receber a elevada concessão, entretanto cabe-me transferi-la simbolicamente a todos os orientadores e companheiros das tarefas espíritas evangélicas na capital bandeirante, das quais a nossa muito digna União Social Espírita do Estado de São Paulo e a nossa muito digna Federação Espírita do Estado de São Paulo são as nossas mais altas expressões.

A elas, as magnas instituições que nos reúnem, as homenagens deste momento pelo muito que realizam em auxílio da nossa vida comunitária, compreendendo-se, outrossim, que semelhante distinção, qual a desta hora, significa respeito e bênção da Cidade de São Paulo para com a Doutrina codificada por Allan Kardec à luz dos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, traduzindo por isso júbilo e responsabilidade para nós todos.

Embora assinalando a minha desvalia integral, recebo, na condição de

zelador, o Diploma que a vossa generosidade me coloca nas mãos, por alto e benemérito instrumento de crédito que, rogo a Deus, me faça digno de merecer.

E rogo o consentimento da Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, aqui presente, para valer-me desta oportunidade, a fim de agradecer a todos vós, amigos queridos de São Paulo, os quatro decênios de carinho e abnegação que me tendes dado.

Desde 1932, quando os nossos Benfeitores Espirituais lançaram o primeiro livro de mensagens, por intermédio de minhas pobres mãos, tendes sido, em meu caminho, apoio, estímulo ao trabalho, compreensão e devotamento.

Desde Pedro Leopoldo, a cidade prestigiosa e maternal, que me deu o berço e que me ensinou a amar-vos e a respeitar-vos profundamente, até Uberaba, a cidade progressista e magnânima, que me abençoa por filho e me proporcionou o honroso

acesso à vossa grandeza e à vossa benemêrência, sois, em minha estrada, guardiães de minha coragem e força de que me alimento para a execução da tarefa que o Senhor, por acréscimo de misericórdia, me vem incumbindo, através daqueles que se lhe fazem mensageiros da Infinita Bondade.

Quanto vos devo, só Deus sabe. E, para aumentar a importância de meu débito para convosco, apoiastes a Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, para que este vosso servidor reconhecido viesse até aqui tentar retribuir-vos a confiança.

Edificado em vossa magnanimidade, peço-vos para que nos unamos todos, igualmente, nesta hora inolvidável, a fim de felicitar-mos a muito digna Edilidade Paulistana, pela passagem do seu 413º aniversário, neste mês de maio.

(Palmas)

Ao ensejo, rogo-vos permissão para

reportar-me, ainda que superficialmente, aos seus fundamentos místicos.

Conta-se que ao celebrar a primeira missa, na manhã de 29 de agosto de 1553, no Alto do Inhapuambuçu, hoje Pátio do Colégio, nesta Capital, o eminente Padre Dr. Manuel da Nóbrega, fundador de São Paulo, considerada presentemente a cidade mais importante do Hemisfério Sul, foi visitado pelo Apóstolo São Paulo, que lhe apareceu nimbado de intensa luz.

Redivivo, o amigo da gentilidade apontou-lhe as campinas circunjacentes e lhe pediu fundasse, no Planalto Piratinigano, uma cidade em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se estabelecesse sobre as quatro colunas básicas do Cristianismo: amor e fé, trabalho e instrução.

Desde esse dia, entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, Padre Nobrega dá-se pressa na fundação inicial do Real Colégio de Piratininga, distribuindo encargos e

responsabilidades entre os companheiros inesquecíveis, dentre os quais o nosso admirável Apóstolo José de Anchieta nas atividades do magistério, incumbindo-se das lições de Humanidades.

Manuel da Nóbrega, impressionado, medita na elevação com que fora distinguido e recorda o encontro de Jesus com o mesmo apóstolo São Paulo às portas de Damasco, nos dias do Cristianismo primitivo.

E delibera inaugurar as obras do Real Colégio de Piratininga na data que relembra a conversão do notável Doutor de Tarso, 25 de janeiro, o que sucede a 25 de janeiro de 1554, com o estabelecimento definitivo da grande instituição.

Atento ainda à divina mensagem de que se fizera objeto, no dia mencionado, Nóbrega entrega o ofício da missa ao Reverendo Padre Manuel de Paiva e designa Anchieta para que desempenhe as

funções de acólito na grande solenidade, e ele mesmo ora na expectativa de visões novas que lhe trouxessem mais amplos esclarecimentos.

Entretanto, ao invés de novas revelações, obtém na oração renovadas energias, para trabalhar e trabalhar cada vez mais na consolidação da obra nascente.

A cidade de São Paulo surgia, desse modo, ao calor da prece, entre o artesanato e o altar, no clima de fraternidade que Jesus nos legou em bases de amor ao próximo e respeito recíproco, o único realmente capaz de assegurar-nos a ordem e a tranquilidade na sustentação do trabalho e no alicerce das instituições que nos garantem a felicidade e o progresso.

Desdobra-se o Padre Manuel da Nóbrega em esforços múltiplos pelo engrandecimento e prosperidade da Vila, em berçário de educação e serviço, paz e luz. Informado, mais tarde, de que a Câmara

Municipal de Santo André da Borda do Campo passava enormes dificuldades para sobreviver, recorre ao Governador Mem de Sá, então na Bahia, solicitando a ele a mudança da Municipalidade para a Vila de São Paulo.

Obtida a concessão, Nóbrega, que consagrara o Real Colégio de Piratininga ao Apóstolo São Paulo, recorda a Excelsa Maria de Nazaré, que todos veneramos por Nossa Mãe Santíssima na Cristandade, por haver trazido até nós a sublime presença de Jesus, e que ele escolhera para media-neira e protetora em sua vida apostólica, resolvendo invocar-lhe o amparo e a bênção para a Comunidade Paulistana.

Escolhe, por isso, a data de 8 de maio de 1560, dia em que toda a Cristandade recorda a Anunciação Angélica, para a transferência da muito digna Câmara Municipal de Santo André da Borda do Campo para a Vila de São Paulo.

A ocorrência se inicia com absoluto respeito. Acompanhado por numerosos portugueses e brasilíndios, Manoel da Nóbrega deixa a comunidade de Santo André da Borda do Campo, pela madrugada, carregando os documentos históricos da transferência sob a custódia da oração.

É um préstito religioso que se efetua de uma cidade para outra. Alcançando o destino, celebra-se missa, na manhã alta.

Impressionado com o que vira, o grande sertanista João Ramalho, Vereador muito digno da Primeira Câmara Municipal de São Paulo, indaga de Nóbrega quanto aos motivos de tantas cerimônias religiosas.

E o inesquecível sacerdote e jurista das nossas primeiras fundações respondeu que a Câmara Municipal de São Paulo estava nascendo nas terras de Santa Cruz, para ser refúgio e fortaleza de Deus.

Impregnada de Deus, esta Câmara

Municipal garantiu a construção dos alicerces da Nacionalidade desde quando se fez representada por Nóbrega e Anchieta na formação do Primeiro Tratado de Paz das Américas, nos entendimentos de Iperoig, preservando o tesouro genético que lastrearia as gerações do Brasil cristão de hoje, e mantendo a integridade do território brasileiro até a fundação da Real cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Tanto quanto desde a organização das Bandeiras, com que plantou a Civilização Cristã nas vastidões do País até 28 de setembro de 1822, quando a Edilidade Paulistana, por documentação incontestável, sustentou o espírito democrático de nossas instituições, garantindo as liberdades religiosas e sociais da Cristandade no Brasil.

E, ainda agora, a Egrégia Câmara Municipal de São Paulo está presente em todas as realizações de vanguarda que

impliquem o progresso e a prosperidade em que Deus nos reúne.

O mês de maio é o mês das mais significativas lembranças do Legislativo Paulistano.

Peço, porém o vosso consentimento para dizer que maio é, igualmente, na atualidade, o mês das Mães.

E rogo permissão ao Ex^{mo} Senhor Dr. João Brasil Vita e aos seus dignos Pares, na Egrégia Edilidade Paulistana, para homenagear, nesta data, a primeira e inesquecível mãe paulistana que zelou pela Municipalidade desta Capital.

Aquela que enfeitava o Paço Municipal do Real Colégio de Piratininga com as suas orações e com as flores de nossas campinas, e que amou a Câmara Municipal de São Paulo com enternecimento materno.

Referimo-nos à Dona Isabel Ramalho, nascida Bartira (palmas), filha de

Tibiriçá e segunda esposa de João Ramalho, o grande desbravador, a cuja memória endereçamos os nossos melhores pensamentos de apreço e gratidão.

Reverenciando o nome daquela que se erigiu em benfeitora maternal do Legislativo Paulistano, em seus primórdios, peço consentimento deste respeitado Legislativo para homenagear, nesta hora, com o nosso agradecimento a todas as senhoras mães paulistas e paulistanas, a todas as mães brasileiras aqui reunidas.

(Palmas)

Das senhoras e senhoritas espíritas-cristãs de minha intimidade, que se levantam por verdadeiros esteios de proteção da nossa vida comunitária e que abraçam a maternidade espiritual, junto de todos os nossos irmãos em dificuldades maiores do que as nossas, senhoras e senhoritas vinculadas à generosidade paulistana, rogo vênica para lembrar aqui os nomes das

excelentíssimas senhoras:

D. Luíza Gonçalves Pereira,
D. Oslávia Leonis, D. Cecília Pinheiro,
D. Maria Eunice Lucchesi,
D. Encarnação Blasques Galves,
Dr^a. Marlene Severino Nobre,
Senhorita Rute Pitombo,
Senhorita Dra. Isolda Dias,
D. Lucy Sandall Andrade e D. Maria Augusta Puhlmann e sua querida filha D. Nancy Puhlmann Di Girolamo.
D. Guiomar Albanesi,
D. Judite Figueiredo, D. Maria Janoni, D. Doca Sica e D. Maria Feola e tantas outras que o tempo não nos permite enumerar.

(Aplausos)

Entretanto, homenageamos ainda, e com a nossa maior veneração, admiráveis mães paulistanas, vinculadas a outras respeitáveis províncias religiosas, mentoras e benfeitoras da vida social em São Paulo, cujos nomes peço licença para pronunciar

com o máximo apreço, quais sejam as Ex.^{as} Senhoras:

Dona Leonor Mendes de Barros, que tantas vezes manda abrigar ou agasalhar, nas noites frias, os necessitados itinerantes que acorrem à Cidade de São Paulo buscando assistência, a fim de que não adoeçam ou pereçam diante da intempérie. (Palmas)

Dona Erna Belian Wenisdorf, organizadora emérita de trabalho e proteção para milhares de criaturas.

Dona Carmen Prudente, que se transformou em anjo redentor de nossos irmãos cancerosos. Dona Alda Moreira Strassula, benfeitora incansável dos necessitados e dos nossos irmãos excepcionais.

A Irmã Maria Luíza de Marilac, coração aberto ao socorro de quantos lhe recorrem às virtudes. E Dona Zilda Natel, a Ex.^{ma} Esposa do Ex.^{mo} Sr. Dr. Laudo Natel, digno Governador do Estado de São

Paulo, que desde muito se erigiu em jovem Mãe Espiritual dos sofredores, amparando e abençoando não apenas crianças, mas também transfigurando criaturas inválidas em homens e senhoras úteis à nossa vida social. (Aplausos)

Peço-vos ainda permissão para recordar com enternecida reverência, grande dama do Estado de São Paulo, do Brasil e do mundo, dama ilustre e digna, cuja presença procuro ansiosamente neste recinto.

Este Ginásio, que guarda o nome de um dos mais ilustres cidadãos de São Paulo, o Sr. Dr. Paulo Machado de Carvalho (palmas), e para o qual a Egrégia Câmara Municipal de São Paulo generosamente se transferiu para esta solenidade, tem as portas voltadas para a Rua com que a Capital Bandeirante homenageia a cidade de nascimento de minha benfeitora — Rua Capivari! Capivari é o berço de Dona Tarsila do Amaral, de quem me lembro

nesta hora com o meu mais respeitoso sentimento. (Palmas)

Se ela estivesse neste mundo, de certo recusaria esta homenagem, mas Dona Tarsila do Amaral não mais se encontra entre nós.

Ela me prometeu que estaria nesta solenidade, em sua cadeira de rodas. Visitei-a no dia 22 de dezembro passado, no Hospital da Beneficência Portuguesa, dois dias depois do Decreto Legislativo que me proporcionou a honra de vir receber o Diploma desta digna Edilidade para a comunidade espírita evangélica de São Paulo.

Entretanto, nos primeiros dias de janeiro findo, a vontade do Senhor transferiu-a para a Espiritualidade Maior.

Ela, grande dama católica, aceitava a minha amizade de espírita e de médium espírita com bondade inesquecível, sem questionar as minhas convicções.

Orava em cores, produzindo telas que não são apenas o encanto e a riqueza do Brasil e do Mundo. Mas, igualmente a base do câmbio de amor com que Dona Tarsila do Amaral convertia as suas criações artísticas, na pintura, no desenho, na imagem e na escultura, em pão e agasalho para os nossos irmãos em Humanidade, erguendo-os da penúria para a dignidade do trabalho e da vida.

Embaixatriz de nossa cultura, várias vezes, em países de outros continentes, Dona Tarsila do Amaral sabia inclinar-se em favor dos pequeninos, doando-lhes grandeza e bondade, amparo e coração.

Conversava com este vosso obscuro servidor, com respeito às nossas crianças e enfermos necessitados, com a mesma generosidade e atenção com as quais se entretinha junto de amigos íntimos, em torno de respeitáveis personalidades do Brasil Contemporâneo, quais sejam Dona

Olivia Guedes Penteado, Dona Anita Malfatti, Brecheret ou Mário de Andrade.

Dona Tarsila do Amaral, trabalhando infatigavelmente numa cadeira de rodas, muitas vezes me erguia o espírito, renovando-me as forças para trabalhar.

Católica fervorosa, acreditava, tanto quanto eu, que Jesus é o Senhor de nós todos; que a Ressurreição do Divino Mestre é sublime herança de todos os cristãos; que os gênios do Brasil não estão mortos; que os inolvidáveis fundadores da civilização paulista e brasileira estão vivos em outras condições de imortalidade, cooperando em nosso favor.

Ela acreditava, tanto quanto eu, que eles — os pioneiros de Jesus Cristo na terra abençoada que nos concede o privilégio de viver e servir, entregando o melhor de nós mesmos para a vitória do Bem — nos auxiliarão a humanizar a Tecnologia do mundo moderno, a conservar a nossa fé cristã, as

nossas tradições e os nossos lares e a preservar os nossos Templos, sejam quais forem as nossas confissões de fé viva, desde que Jesus brilhe em nosso campo de pensamentos e emoções.

Dona Tarsila do Amaral admitia, tanto quanto nós, que a violência e o ódio nada edificam, que podemos caminhar com as mãos de Jesus e com a paz de Jesus para as vanguardas do progresso.

(Palmas)

Nesta hora, penso em Dona Tarsila do Amaral, com o mesmo fervor de ternura e respeito com que penso no Espírito de minha mãe, no Espírito de minha mãe que está presente, que me abençoa e a quem peço também para abençoar-vos. (Palmas)

Guardo a certeza de que Dona Tarsila do Amaral não está entre as nossas relíquias marmorizadas do Consolação, onde vou e irei sempre reverenciar-lhe a memória.

Ela estará conosco, por luz de nossos caminhos e inspiração de nossa marcha em demanda ao porvir, com Jesus e por Jesus.

E porque as lágrimas me banham as palavras, renovo os meus agradecimentos à Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, na digna pessoa do seu digno Presidente, Dr. João Brasil Vita.

E, na presença muito digna de todos os senhores vereadores da Edilidade Paulistana e de todas as dignas autoridades aqui reunidas, agradeço a consideração e a distinção com que o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de São Paulo e os Excelentíssimos Senhores Edis do Legislativo Paulistano me tratam nesta hora, como sempre me trataram.

Agradeço a presença de todos os amigos que vieram compartilhar de minha alegria, da nossa alegria, neste ápice de minhas responsabilidades.

Agradeço a Pedro Leopoldo o privilégio de haver nascido entre os meus conterrâneos, que me ensinaram desde cedo a amar o trabalho e a religião.

Agradeço a Uberaba a hospitalidade e o carinho, a benemerência e a generosidade com que me acolhe desde muito tempo, sem que eu lhe possa retribuir em coisa alguma, senão com as minhas preces, nas quais rogo a Deus por sua felicidade e progresso.

Agradeço ao nosso distinto e muito digno Vereador Dr. Celso Matsuda pela saudação carinhosa e enaltecadora, conquanto imerecida por mim.

Agradeço a presença dos nossos caros amigos do Rio de Janeiro, de Brasília, de Belo Horizonte, de todas as cidades do país, aqui representadas.

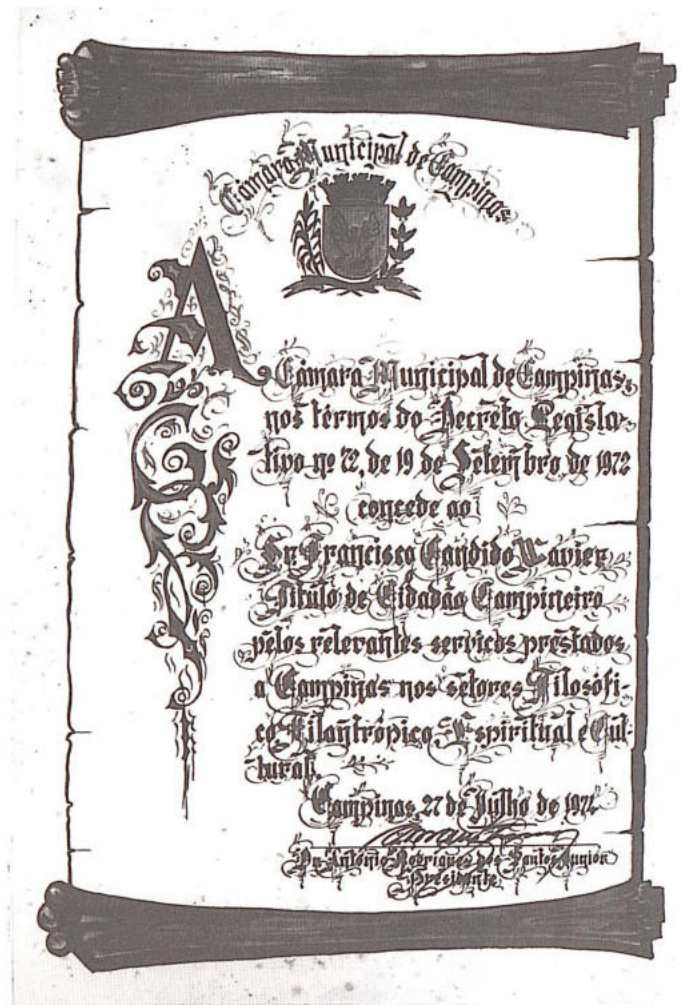
E peço a todos a devida permissão para abraçar, com muito respeito, na Egrégia Câmara Municipal de São Paulo, toda

a benemerita e ilustre capital de São Paulo, com todos os seus representantes, com todos os seus templos religiosos, instituições históricas e culturais, indústrias, conquistas, patrimônios, valores e dignidades, com tudo de grande e belo, sublime e nobre, elevado e útil que São Paulo representa em favor de nós todos na grandeza do Brasil.

Por fim, rogo a todos a devida licença para agradecer a toda a Cidade de São Paulo, e saudá-la com o respeito máximo e com o maior reconhecimento à São Paulo, onde todos nós, os filhos de todos os estados do País, filhos de todos os recantos da terra, que Deus nos concedeu, sentimos o orgulho feliz de ser brasileiros.

Que Deus a todos nos abençoe.

(Palmas prolongadas)





Título de Cidadão Campineiro
Ginásio de Esportes “Alberto Jordano
Ribeiro” – Parque Taquaral
27 de julho de 1974

Ouvi profundamente emocionado as considerações e saudações do Ex.^{mo} Sr. Dr. Antônio Rodrigues dos Santos Júnior, digno Presidente da Câmara Municipal desta cidade e do Ex.^{mo} Sr. Vereador Aduino Ribeiro de Mello, e recebo todas as considerações que guardo no meu coração por empréstimo de luz, nas sombras que ainda carrego, pedindo a Deus me faça digno de, um dia, merecê-las com a possibilidade de retribuir magnanimidade tamanha.

A absoluta falta de mérito de minha parte me fez adiar, desde 1972, a emocionante responsabilidade desta hora:

A honrosa cidadania campineira — o

título honorífico que me concedestes, através dos respeitáveis poderes municipais de Campinas, por indicação do Ex.^{mo} Sr. Dr. Antônio Rodrigues dos Santos Júnior; digno Presidente da Câmara Municipal desta cidade, e do Ex.^{mo} Sr. Vereador Aduino Ribeiro de Mello, que se me erguem dentro d'alma por benfeitores inesquecíveis — pertence, por direito de trabalho e conquista, aos dignos e distintos companheiros do Espiritismo Evangélico em Campinas, embora me sinta profundamente honrado e expressando, dentro de minhas estreitas possibilidades, a minha alegria imensa em poder ser, neste augusto recinto, o menor servidor dos vossos servidores para recebê-lo.

Creio, mesmo, que, para demonstrar o máximo de vossa generosidade, em comemorando os dois resplendentes séculos de Trabalho, Progresso, Educação e Cultura que assinalam o vosso luminoso

destino, decidistes permitir a minha apagada presença, a fim de recolher semelhante honraria, de modo a confiá-la àquelles que são seus legítimos detentores.

Rogo, assim, consentimento para transmitir, simbolicamente, o título que me concedestes à comunidade espírita-cristã campineira, na memória dos apóstolos e companheiros da “Causa do Bem” com Nosso Senhor Jesus Cristo no cristianismo redivivo, quais sejam nossos inesquecíveis pioneiros do Espiritismo em Campinas:

Dr. Joaquim de Souza Ribeiro, Servílio Marrone, Gustavo Marcondes, Benedito Gonçalves do Nascimento, Manoel Alfaia, Teófilo Siqueira, Hermínio Fiori, D. Josefa Fernandes, D. Emília dos Santos Mota e tantos outros.

Entretanto, à frente da grande Campinas de meio milhão de habitantes, diante da grande cidade que se transformou em

brilho permanente do Estado de São Paulo e do Brasil inteiro, rogo também a vossa permissão para transferir, simbolicamente, esta homenagem à memória dos Reverendos Frei Antônio de Pádua e Frei Manoel de Santa Gertrudes,¹ que invocaram as bênçãos de Deus sobre a fecunda terra campineira nos ofícios religiosos da manhã de 14 de julho de 1774.

A todos aqueles que amaram e amam esta cidade; a todos aqueles que a prestigiaram e prestigiam, seja nos domínios da fé religiosa, nos poderes públicos civis e militares, na ordem pública, na ciência, na instrução, na inteligência, na arte, nas virtudes cristãs, no trabalho permanente e construtivo de todos os dias por um Brasil melhor e maior diante do mundo, as nossas saudações e nosso respeito máximo.

Quisera configurar em palavras o profundo reconhecimento que me vai por

dentro do coração diante de vossa generosidade, acolhendo-me na comunidade campineira como sendo um dos seus filhos, conquanto a minha ausência de mérito para isto.

Entretanto, creio que a Sabedoria Divina criou as palavras para controle dos nossos pensamentos, a fim de que a explosão de nossa emotividade não venha a quebrar as leis da evolução progressiva, que a todos nos cabe na Vida Espiritual.

Devem existir, por certo, meios de comunicação que consigam expressar aquilo que fica dentro de nós, no terreno indevassado de nossas próprias almas.

Penso, muitas vezes, que as conexões geométricas dos astros do firmamento são mensagens de Deus que não sabemos ainda decifrar; que as cores do arco-íris compondo, embora, uma suposta miragem, exprimem notícias do Sol que ainda não sabemos apreender. Creio que a

forma diversificada das cores fala de princípios da Natureza, dos quais ainda não nos apercebemos.

Admito que as estruturas atômicas dizem, por si, de leis do Universo que nós ainda não conseguimos registrar.

Mas, creio também que, nas grandes horas, quando as nossas emoções permanecem manifestas, Deus concedeu-nos o benefício silencioso das lágrimas, para que elas falem do indevassado de nossos corações.

Ofereço, assim, queridos amigos e benfeitores campineiros, ofereço-vos as lágrimas de alegria e de reconhecimento que me vertem d'alma por sinal daquilo que não consigo dizer: o meu júbilo inexprimível, a honra imensa de que me sinto investido com a elevada cidadania campineira.

Nestas lágrimas, porém, traduzo não somente o meu agradecimento a vós

outros, mas, também, as saudações efusivas, as felicitações calorosas do meu coração de servidor e dos corações de todos aqueles que vos visitam em nossa companhia, pela passagem do luminoso bicentenário do progresso de Campinas dentro do Brasil.

Nestas palavras de agradecimento, uma força compulsiva, estranha a qualquer propósito de espetacularidade ou demagogia, me obriga a dizer-vos que este é um anfiteatro transformado num santuário de luz. E, aqui, diante de nós, personalidades e quadros de Campinas do passado desfilam através de processos que a minha ignorância não sabe entender e nem definir, abençoando-vos e rogando a Deus por vossa paz, segurança, progresso e felicidade.

Perdoar-me-eis se vos expresso semelhantes notícias que, a rigor, deveriam ficar permanentemente guardadas dentro

do meu próprio coração, pois se formam em Plano Superior ao nosso, e essas informações as ouço, como se me encontrasse num processo de dublagem que eu próprio não sei entender e nem explicar.

Diante de nós, passam antigos companheiros do grande colonizador que foi Francisco Barreto Leme,² e aqueles que lhe assessoraram o pioneirismo renovador.

Surgem figuras veneráveis, tais como Francisco Glicério, João Quirino, Quirino dos Santos, Jorge Miranda, heróis da causa republicana dentro da vida campineira.³ Passam remanescentes da Banda Filofênica,⁴ tendo à frente Pedro Santana Gomes, José Pedro Santana Gomes, corrijo a minha audição, o querido "Juca Músico" de Campinas.⁵

Passam as figuras respeitáveis do Sr. Manoel José Gomes e de Dona Maria Candelária de Oliveira,⁶ ambos acompanhados por aquele que representa o gênio

fulgurante do Brasil no mundo inteiro. O grande e inesquecível Maestro Carlos Gomes, que, nestes dias de julho de 1974, deseja ser lembrado, explica ele, como sendo o "Tônico" do Maneco Músico, o jovem que se inspirava nos Céus e nas flores de Campinas para expressar a grandeza de vossos sentimentos e de vossas inspirações.⁷

Destaca-se a legião da Professora Cavalheiro,⁸ acompanhada de criaturas angelizadas e seguida pela Ex.^{ma} D. Maria Luíza de Souza Aranha, a respeitada Baronesa de Campinas,⁹ rodeada de amigas, que pedem a Deus por vossa felicidade.

Surge a figura de Neco Rodrigues¹⁰, que fala recordando os companheiros das serestas campineiras. Passam tantos vultos, tantas figuras inolvidáveis que a nossa retentiva estimaria guardar para sempre.

Passa diante de nós a pequena legião de criaturas alegres, que se intitulam como

sendo a “Banda do Boi”, seguida pelo maestro Zimbre.¹¹

Passam diante de nós figuras venerandas que se expressam como sendo os grandes amigos campineiros: Oscar Bierrenbach,¹² Rodolfo Noronha, Ibrantina Cardona, Júlio Righel e tantos outros amigos e tantas criaturas maravilhosas que se encontram conosco, entre nós e sobre nós, e um deles, que se diz o Barão de Ataliba Nogueira, explica:

— Diga, Chico Xavier, que, em todos os dias de julho de 1974, Campinas está sob a Aleluia das Moedas, mas a grande data tradicional de Campinas já não jorra moedas terrestres ou humanas, mas bênçãos de luzes, flores e estrelas da Vida Espiritual¹³.

Quisera prosseguir nesta saudação em que as lágrimas são contidas, para que a minha voz inexpressiva consiga se fazer escutada.

Entretanto, a emoção tem igualmente os seus limites no mundo da expressão. Agradeço, assim, a Campinas a honra que me concede.

Agradeço as atenções do Ex.^{mo} Sr. Dr. Lauro Péricles Gonçalves, MD. Prefeito Municipal de Campinas, pelas gentilezas e atenções a nós conferidas.

Agradeço ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Antônio Rodrigues dos Santos Júnior, e a todos os seus dignos pares na Edilidade campineira, tudo aquilo de belo e bom que nos foi ofertado e que nos acompanhará para sempre.

Agradeço aos companheiros espíritas desta terra abençoada por tudo de bom que me concederam. Agradeço ao Diário do Povo, ao Correio Popular, ao Jornal da Cidade, outros jornais, aos queridos amigos da Rádio Cultura, da Rádio Educadora, da Rádio Brasil, da Rádio Difusora, da Rádio Andorinha, todos os benefícios e

todas as atenções que temos recebido.

Agradeço ao nosso amigo, Mário Boari Tamassía; agradeço à nossa querida irmã Terezinha de Oliveira; a tantos companheiros outros que a memória, ofuscada pela emoção, não me permite recordar agora. Agradeço a todos os companheiros espíritas de Campinas a gentileza, o carinho que nos dispensaram.

E, porque as lágrimas impedem a minha palavra inexpressiva, quero abraçar, respeitosamente, a terra fecunda e generosa de Campinas na presença de todos os seus filhos.

Peço a Deus para que estas flores, cuja linguagem deve ser mais bela, possam exprimir a esta Câmara Municipal, a muito digna Edilidade campineira, a minha alegria e o meu reconhecimento.

E, reexpressando todo o meu amor respeitoso, toda a minha infinita admiração por tudo que Campinas representa em

favor de nós todos, os brasileiros, em São Paulo e no Brasil inteiro, peço a Deus que engrandeça Campinas cada vez mais.

Rogo a Nosso Senhor Jesus Cristo que nos conserve na bendita paz que estamos encontrando neste santuário augusto das leis. E, abraçando a todos, beijando, respeitosamente, as mãos de todos, por meus amigos e por meus benfeitores, cuja generosidade nunca saberei retribuir, mais uma vez rogo a Deus nos abençoe e ilumine e engrandeça, agora e sempre, cada vez mais, a nossa grande, a nossa abençoada, fecunda e maravilhosa Campinas Imortal.

NOTA: O discurso foi extraído das notas taquigráficas do respectivo serviço da Câmara Municipal, declarando o taquígrafo que não foi feita revisão pelo autor. As citações numeradas se encontram na Carta do historiador Jolumá Britto para melhor elucidação da matéria e prova de acerto das referências do médium-orador.

Mário Tamassía

Carta de Jolumá Britto a Mário Boari
Tamassia

(Historiador campineiro, autor de aproximadamente 30 obras, versando sobre história relativa a Campinas e adjacências. Por nossa solicitação, ele se dignou de nos enviar a seguinte e importante carta, apreciando os tópicos históricos a que se referiu Chico Xavier, na maioria, através da sua vidência e clariaudiência – Mário Tamassia))

Campinas, em 6 de setembro de 1974.

Dr. Mário. Li atentamente cópia do discurso proferido pelo Sr. Francisco Cândido Xavier na solenidade da outorga do título de cidadão campineiro, podendo, assim de pronto, fornecer-lhes os seguintes subsídios:

1) Frei Antônio de Pádua foi, de fato, religioso franciscano, da Província do Rio de Janeiro.) — Quanto ao Frei Manoel de Santa Gertrudes, era prior, ou que o valha, do Mosteiro S. Bento. (correto)

2) Francisco Barreto Leme foi,

como todos sabem, colonizador e assim procedeu em Jundiá e Campinas, para onde se mudou.

3) Francisco Glicério, João Quirino, que assinava também João Quirino dos Santos, irmão de Francisco Quirino dos Santos, e Jorge Miranda foram autênticos heróis da causa republicana, principalmente Glicério e, por ela, muito lutaram.

4) A Banda Filofônica, a que se refere Chico Xavier, existiu realmente e foi fundada por volta de 1863, tendo à sua frente:

5) José Pedro de Sant'Ana Gomes, o querido Juca Músico de Campinas, irmão de Carlos Gomes, filhos de Manoel José Gomes.

6) Maria da Candelária que, no assento de batismo, está somente assim escrito, sem o Oliveira, foi madrinha de batismo do Carlos Gomes.

(Tudo correto)

7) A lembrança do Tônico (Carlos Gomes) e o seu pedido, infelizmente, não foram assinalados no Bicentenário da cidade apenas por motivos que nos fogem, e é hoje ele mais conhecido, popularmente, como Tônico de Campinas.

8) A Sr.^a Cavalheiro foi diretora do Grupo Escolar que, atualmente, tem o nome de "Castorina Cavalheiro", próximo ao Posto Três Avenidas.

9) Maria Luzia, e não Luíza de Souza Aranha, foi mãe do Marquês de Três Rios. Ela foi, pois, a Baronesa e Viscondessa de Campinas, tendo recebido esses títulos depois de viúva.

Tudo correto, acrescentando-se que o Marquês era filho de Francisco Egídio de Souza Aranha, tronco da família desses apelidos.

10) Neco Rodrigues foi um famoso violonista deste século e que chegou a dar concertos na P.R.C. 9, cujo nome todo era

Manoel Rodrigues. Era, de fato, criatura alegre e descontraída, sempre sorridente, assim como existiu a falada legião integrante da Banda do Boi.

11) Cujos aparelhos e vestes carnavalescas estão hoje no Bosque Municipal. O maestro da Banda era realmente o seu diretor e principal organizador. Seu nome era Zimbres.

12) Oscar não, deve ser "Cesar Bierrenbach", fundador do Centro de Ciências, Letras e Artes.

De resto tudo certo: Rodolfo Noronha foi jornalista deste século e colaborador do Correio Popular, enquanto que Ibrantina Cardona, nome menos conhecido, foi poetisa e jornalista que, no entanto, visitava Campinas frequentemente! Quanto a Júlio Riedel, foi jornalista da velha guarda, e acreditamos que o taquígrafo apanhou o som parecido "Rieghel".

13) O Barão de Ataliba Nogueira e

todos os titulares do Império e grandes fazendeiros, em dias festivos, reuniam os pobres da cidade, em torno de suas residências na cidade, distribuindo alimentos às mancheias, notadamente moedas de 40 réis ou os chamados vinténs; e acredito que a referência a Aleluia de Moedas esteja certa, confirmando o que se escreveu.

O curioso de tudo isso, Dr. Mário, e que o Neco Rodrigues era de fato um exímio violonista, como já referi, e organizador das serenatas ou serestas, que tanto iluminaram as passadas noites de Campinas.

Certas, pois, todas as citações feitas, em demonstração importantíssima do boníssimo amigo Chico Xavier.

Jolumá Britto

(Chico Xavier - Mediunidade e Ação de Carlos A. Baccelli)



CÂMARA MUNICIPAL DE ARAGUARI

Araguari, março de 1973

Excelentíssimo (a) Senhor (a)

Venho a honra de convidar V. Excia. e Exma. Família para assistirem às solenidades de entrega do título de "Cidadão Aragarino" ao Sr. Francisco Cândido Xavier, a serem realizadas no dia 31 de março próximo, às 20 horas, no salão do Cine Rex.

Dele atenção dispensada ao presente conuito antecipo-lhes os meus sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

RUI BELEM MIGUEL
PRESIDENTE DA CÂMARA



Título de Cidadão Araguaiano

31 de março de 1973

Ante a generosa Resolução da Câmara Municipal de Araguaari, conferindo-nos a honrosa cidadania de nossa Terra, aprovada que foi a propositura de meu benfeitor e amigo, Ex.^{mo} Vereador Sr. Jofre Alves Martins, compreendi a honra com que me brindastes a pequenez.

Júbilo e responsabilidade misturaram-se dentro de mim. E confesso-vos que tenho orado pedindo a Jesus me faça digno da vossa confiança.

Estamos nesta noite, em Araguaari, não apenas para receber o título honorífico que me concedestes, mas, igualmente, a fim de agradecer-vos. Afirmo-vos, no entanto, que debalde procuro em mim palavras adequadas para isso.

Quando as grandes emoções explodem no campo de nossa alma, as lágrimas,

embora contidas, varrem o nosso território mental, ocultando as tentações de nosso mundo íntimo, à feição de chuva benéfica.

Quisera trazer-vos, neste momento, braçadas de alegrias em flores de reconhecimento, flores dignas da vossa grandeza. Mas, tão somente de modo pálido consigo mostrar-vos os sentimentos profundos de gratidão e de respeito que me vibram no espírito, rogando a Deus vos recompense a bondade para com este vosso apagado servidor.

Reconheço que homenageais nesta noite a Doutrina Espírita à Luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, já que me observo em total desvalimento para recolher-vos o elevado galardão.

Quisestes, Amados Patrícios Aragua-
rinos, queridos conterrâneos, acentuar ainda mais a vossa benignidade, convidando a mim, o último dos últimos companheiros das fileiras espíritas, para demonstração de

vossa benemerência, sem mérito algum para corresponder-vos à generosidade.

Sinto-me, nesta hora, à maneira de um cabide inferior, ostentando a dourada legenda da vossa magnanimidade para com o edifício de trabalho e fé viva, fraternidade e bênção que os companheiros espíritas-cristãos edificaram nesta cidade.

Qualquer deles, ou melhor, todos eles ocupariam com muito mais propriedade o lugar em que me encontro agora, à frente de vós outros, para que lhes apusésseis na frente o selo de vosso espírito magnânimo. Dentre eles, os companheiros espíritas.

Lembramos, recordamos com veneração os pioneiros de ontem, como sejam: os Srs. Pedro Rodrigues Moreira, Franklin Theodoro, Antônio Correntino, João de Paula Cançado.

Dentre os muitos companheiros militantes de hoje e sempre, rogo permissão para destacar os Srs. João Moutinho e

Adolfo Carísio, Naftali Guimarães Naves, Urbano Teodoro Vieira e sua digna esposa, Dona Ondina Moutinho Vieira, Joaquim Floriano Lemos, Dona Isolina de Melo Moreira, João José de Souza, Dona Noêmia Teodoro e tantos outros construtores do Cristianismo Redivivo, para os quais rogo o consentimento da Egrégia Edilidade Aragarina, a fim de transferir simbolicamente os louros desta hora.

Devo explicar à coletividade aragarina que os nossos amigos de ideal e trabalho em Jesus, Nosso Senhor, desejaram que esta solenidade fosse marcada para este dia, em comemoração ao centésimo quarto aniversário da desencarnação de Allan Kardec, o Sistematizador, o Codificador do Espiritismo Evangélico, da Doutrina Espírita, cujo nome pronuncio respeitosamente.

No entanto, por outro lado, rogo aos companheiros espíritas em particular para

saudarmos a nossa formosa cidade de Araguari pela passagem do octogésimo nono aniversário de instalação da Vila que lhe precedeu à categoria de cidade, nas festas do dia 31 de março de 1884, nos termos da Lei Provincial nº 2.996, de 19 de outubro de 1882.

Politicamente estava, definitivamente, desmembrado o mais soberbo diamante das riquezas do município de Bagagem, o tesouro de cultura e bondade, inteligência e trabalho, solidariedade humana e progresso, de que se constituiria, para nós todos, a progressista cidade de Araguari da atualidade.

É com muita emoção que, diante da Egrégia Edilidade Aragarina do ano de 1973, repetimos que nossos pensamentos enternecidos se voltam para os primeiros legisladores de Araguari, aqueles mesmos que nos deram as bases legais de 1884, quais sejam: Os senhores, Coronel José

Rodrigues da Cunha, então presidente da Câmara Municipal e primeira autoridade do Executivo de Araguari, Elias Rodrigues Peixoto Carrijo, Justino Monteiro de Araújo, João Rodrigues Peixoto Sobrinho, Coronel Lindolfo Rodrigues da Cunha, Herculano José de Siqueira, Joaquim Caetano Alves, Querubino dos Santos e tantos outros que se levantaram por esteios e luzes da vossa e da nossa formação político-social.

A eles devemos, por justiça, com inteira justiça, o nosso reconhecimento e o nosso respeito indestrutíveis.

Neste ponto de minhas palavras inexpressivas, ousei ampliar as minhas lembranças em dimensões mais profundas.

Quando exercia as minhas atividades de modesto funcionário do Ministério da Agricultura, tive a honra de conhecer em Barbacena o nosso grande pensador e escritor católico de Araguari, Dr. Geraldo

França de Lima, brilho e dignidade das letras pátrias, em seu acendrado amor por tudo que represente o Brasil Central.

Muitas vezes, tive ocasião de endereçar-lhe perguntas com respeito à cidade de Araguari, suas tradições, sua história, sua gente.

O distinto escritor araguarino não somente me respondia quanto ao que eu desejava saber, com o cavalheirismo que lhe exorta a personalidade, como também me apresentou, nas exposições pecuárias barbacenenses, vários amigos de sua infância.

Um deles, a quem interroguei sobre as formações primitivas da vida araguarina, distinto sitiante na região de Paracáiba, informou-me com bondade haver-se informado em sua meninice que, efetuando a divisão de várias sesmarias no Brasil Central, o Sr. Comissário de Sesmarias, Major Antônio de Resende Costa,

acompanhado de assessores e auxiliares, certo dia, de determinada eminência do Pico de Araras, divisou, surpreendido, luminosa região sobrevoada por verdadeiras legiões de pássaros verdes que chilreavam paz e alegria, lembrando lençóis de esmeraldas resplendentes, flâmulas vivas que estivessem anunciando um mundo novo.

Maravilhado, o valoroso sertanista pediu que semelhante gleba fosse destacada e, entendendo que a terra sob seu olhar estava destinada a um grande destino, consagrou-a a Nosso Senhor Jesus Cristo, sob a autoridade da Igreja Católica. E fez mais: mandou erigir a primeira capela dedicada ao Senhor Bom Jesus nas antigas terras de Araguari.

E, mais tarde, no recinto do Templo, ele mesmo, acompanhado de sua gente, orou suplicando a Deus para que abençoasse o povoado nascente e dele fizesse

um recinto de trabalho e de paz, de alegria e de amor, dentro da solidariedade humana de progresso e de cultura.

O arraial, o antigo arraial do Senhor Bom Jesus, de 1840, com a bênção de Deus, transformou-se na Metrópole Surpresa, na Cidade Simpatia, que nós todos admiramos e veneramos em Araguari da atualidade. Na luz dessas recordações, e não desejando tomar-vos mais tempo, agradeço em nome dos nossos companheiros espíritas de Araguari e, em meu próprio nome, a honrosa cidadania que nos foi concedida pelo Poder Legislativo da nossa querida e formosa cidade.

Agradeço, não apenas ao Ex.^{mo} Sr. Prefeito Municipal de Araguari e ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Araguari, as palavras abençoadas que pronunciaram, agradecendo a eles e aos moradores que se fizeram ouvir nesta solenidade, comovendo-nos profundamente o

coração, já que essas homenagens são devidas, na essência, a Nosso Senhor Jesus Cristo, à Doutrina Espírita Cristã e aos nossos companheiros espíritas evangélicos de Araguari.

Agradeço as alegrias que me foram proporcionadas pela generosidade da Banda Mirim de Araguari e às distintas solistas que se fizeram ouvir ao piano, encantando-nos neste ambiente de paz e de alegria.

E rogo a todos os companheiros espíritas presentes, para reverenciarmos em pensamento, em nossa condição de espíritas evangélicos, a memória dos grandes católicos e grandes cristãos que edificaram as bases da maravilhosa cidade que hoje nos acolhe e de cujas vantagens usufruímos, pedindo perdão à Comunidade Araguarina pela omissão de nomes ilustres.

Rogo o consentimento de todos para

homenagear, com nosso reconhecimento, figuras inesquecíveis de Araguari, como sejam: o Reverendo Padre José Lafaiete de Godói, o consolidador da estabilidade política e social de Araguari; o Reverendíssimo Cônego Pedro Pezzutti, o inesquecível orientador espiritual.

A excelsa Educadora Madre Maria Blandina; as Ex.^{mas} Sr.^{as} Dona Mariquinha Godói e Maricota Santos, heroínas de beneficência; os médicos distintos e inolvidáveis, Dr. Ciro Palmerston e Dr. Alberto Moreira, e tantos outros; o coronel Teófilo de Godói, o idealizador da Pecuária Araguarina; os grandes educadores; os grandes legisladores de Araguari.

E, por fim, desejo reverenciar também, com extremado carinho, a memória do nosso grande jornalista, Líbano Galante, que recentemente nos deixou, em se transferindo, com a bênção de Deus, para a Pátria Espiritual.

A eles todos devemos as bases cristãs que nos fizeram os lares felizes.

A todos eles, que lutaram e sofreram para que os princípios de Nosso Senhor Jesus Cristo imperassem sobre nossos corações e sobre as nossas vidas, unindo-nos extremadamente para que resistíssemos a todos os assaltos das trevas do materialismo e nos conservássemos íntegros em nossa fé. A todos eles a nossa devoção e nosso reconhecimento.

E, para terminar, com nosso profundo reconhecimento a todas as autoridades presentes, a todos os amigos de Araguari, a todos aqueles que vieram prestigiar esta solenidade, a todos os que cooperaram para que nós recebêssemos, nós, os espíritos, pelo último dos últimos lugares, este honorável título de cidadania araguarina.

A todos nosso muito obrigado. Que Deus ilumine cada vez mais a nossa cidade de Araguari e que ela possa continuar

brilhando, sempre e sempre, por estrela de cultura e bênção de progresso.

E, para finalizar, em homenagem à cidade, em homenagem aos amigos presentes, tomo a liberdade de repetir, saudando Araguari, os últimos versos do glorioso "Hino a Araguari", de autoria de nosso inspirado e distinto poeta Abdalla Momeri:

*Avante minha gente, rumo à Glória,
Formosos são teu povo e tua história.
Em ti, tudo sorri.
Deus te abençoe os passos para a frente.
Sonha, canta e labuta bravamente,
Ó minha, ó nossa grande e bela Araguari!*

CIDADE DE BELO HORIZONTE

"Cidadão Honorário"

O povo do Município de Belo Horizonte, por suas autoridades constituídas e em cumprimento do disposto no Regulamento Municipal n.º 2451, de 20-9 de 1942, concede ao Sr. *Francisco Cândido Xavier* o título de "CIDADÃO HONORÁRIO DE BELO HORIZONTE", por relevantes serviços prestados à Cidade.


PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL



de 22 de outubro de 1974


PREFEITO MUNICIPAL



Título de Cidadão Honorário de
Belo Horizonte
8 de novembro de 1974

(Francisco Cândido Xavier, antes de sua
alocução, respeitosamente menciona as dignas
autoridades presentes)

- Dr. Helvécio Arantes, M.D. Presidente da
Câmara Municipal de Belo Horizonte.
- Dr. José Augusto, M.D. Senador da Repú-
blica.
- Dr. Expedito Faria Tavares, M.D. Secre-
tário do Interior e M.D representante de S.
Ex.^a, o Sr. Governador do Estado de Minas
Gerais.
- Dr. José Xavier Nogueira, M.D. repre-
sentante de S. Ex.^a, o Sr. Prefeito Municipal
de Belo Horizonte.
- Dr. Freitas Nobre, M.D. Deputado da Câ-
mara Federal.
- Dr. Antônio de Assis Lucena, M.D.
representante de S. Ex.^a, o Sr. Secretário de

Segurança Pública do Estado de Minas Gerais.

- Professora D. Maria Philomena Aluotto Berutto, M.D. Presidente da União Espírita Mineira em Belo Horizonte.

- Dr. Cesar Julião de Salles, M.D. Prefeito Municipal de Pedro Leopoldo.

- Dr. Antonio Paiva Mello, M.D. Presidente da Federação Espírita do Estado da Guanabara.

- Capitão Eduardo Carlos Albuquerque Duarte, M.D. representante de S. Ex.^a o Cel. João Saraiva Coelho, distinto Comandante do C.P.O.R. em Minas Gerais.

- Dr. Stefenson Newman Alves Pereira, M.D. representante do M.D. Comandante do 12º R.I., em Belo Horizonte, Cel. Ezídio Caldeira Brant.

- Tenente Nicanor Fernandes Bacellar, M.D. representante de S. Ex.^a, o Comandante da 11ª CSM.

- Cel. José de Andrade Drumond, M.D. Chefe do Estado Maior da Polícia Militar do

Estado de Minas Gerais e M.D. representante de S. Ex.^a, o Cel. Vicente Gomes da Mota, Comandante Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

- José Gonçalves Pereira, M.D. representante da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, notadamente da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

- Desembargador Dr. Martins de Oliveira, M.D. Presidente da Academia Mineira de Letras.

- Dr. Alfredo Marques Vianna Góis, M.D. Presidente da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.

- José Pinto Mourão, M.D. representante da Associação Comercial de Minas Gerais.

- Álvaro Diniz de Deus, M.D. representante e Presidente da Câmara Municipal da Cidade de Uberaba.

- Vereadores da Edilidade Belorizontina.

- Vereador Dr. Sergio Ferrara, M.D. representante da Câmara Municipal de Belo Horizonte.

- Digníssimas autoridades civis, militares e religiosas presentes.
- Excelentíssimas senhoras e excelentíssimos senhores.
- Queridos amigos de Belo Horizonte.

Ouvi, reconhecidamente, as elevadas considerações do Ex.^{mo} Sr. Dr. Helvécio Horta Arantes, digno Presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte, em torno da nossa presença nesta solenidade.

Ouvi, com reconhecimento profundo, a saudação do nosso muito digno Vereador à Câmara Municipal da Capital Mineira, Dr. Sergio Ferrara, meu amigo e benfeitor, a quem devo a generosa propositura que nos entrega, honrosamente para nós, a Cidadania Honorária de Belo Horizonte, conforme o disposto na lei nº 2.131, de 20 de setembro de 1972, nesta respeitável Casa de Leis.

E tenho no meu coração as palavras amigas recomfortadoras de nossa estima-

díssima professora D. Maria Philomena Aluotto Berutto, muito digna Presidente da União Espírita Mineira, felicitando-nos pela honraria desta noite em nossa Augusta Câmara Municipal da Capital do Estado de Minas Gerais.

Tudo ouvi, rogando a Deus para que, em sua Infinita Misericórdia, me faça digno de merecer tanta gentileza e tantas atenções.

Todos sabemos que a palavra é uma conquista inalienável das civilizações. Decerto que a Divina Providência nos concedeu este canal de comunicação por chave básica de nosso relacionamento comum.

Entretanto, ocasiões aparecem nas quais toda a pompa verbalística é insuficiente para vestir as emoções que nos galvanizam a alma. Encontro-me no momento assim, em que os melhores raciocínios me sonegam recursos para configurar-vos o meu profundo reconhecimento.

Isso decorre do conflito, em que me vejo à altura de vossa magnanimidade em Belo Horizonte para com este vosso pequenino servidor. Contrasta com a minha pequenez, e entrego-me aos mais profundos processos de autocrítica, para reconhecer a minha total desvalia.

Por isso mesmo, sem qualquer credencial que assinale a minha presença, compareço diante da Augusta Edilidade de Belo Horizonte, cumprindo o dever de dizer-vos que não tenho qualidades ou méritos para corresponder à vossa benevolência. Será justo entender uma honraria, qual a que brilha nesta solenidade, por elevada remuneração social a serviços prestados à segurança e ao bem geral.

E, não me sentindo absolutamente credor de honra tamanha, e observando as raízes espirituais que precederam à preciosa concessão desta solenidade, peço vênua à respeitada Câmara Municipal de Belo

Horizonte para considerar honraria tão alta como conquista que pertence, acima de tudo, à venerada cristandade da nossa Capital, generosa e progressista.

A luminosa titulação da Edilidade Belorizontina pertence aos templos católicos que nos alicerçaram a fé cristã, a mesma fé cristã que nos preside os destinos.

Pertence aos templos evangélicos da Capital do Estado de Minas Gerais, que nos impulsionam ao estudo permanente das Sagradas Escrituras, e que nos induzem a louvar a infinita bondade do Senhor.

E pertence aos templos espíritas-cristãos, que nos oferecem hoje os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo em novas dimensões, segundo os princípios codificados por Allan Kardec.

Digamos mais: a condecoração que verte da generosidade dos nossos legisla-

dores pertence igualmente aos nossos pais, gênios protetores que nos ergueram o coração para a ideia de Deus.

Pertence aos orientadores da nossa vida pública, que sempre exemplificaram e exemplificam, para nós, o respeito à ordem e à segurança.

Pertence aos nossos líderes nas múltiplas experiências em que se nos desdobra a evolução; que nos traçaram e traçam constantemente seguras diretrizes de trabalho e de progresso. E pertence, igualmente, a todos aqueles que nasceram nestes montes, acreditando no poder e na misericórdia de Jesus Cristo, e que nos ensinam na vivência do amor de cada dia, e, tão somente, o amor que Ele, o Divino Mestre, nos legou. Sou apenas o pequeno servidor com a incumbência de agradecer o elevado troféu que se desvincula ao mérito indiscutível.

Permito-me, com a vossa aprova-

ção, lembrar alguns deles, no livro da minha gratidão inarredável.

Dos pioneiros que nos esperam na Espiritualidade Maior, lembro-me de Raul Hanriot, de Modesto Lacerda, de José Hermínio Perácio, de José Flaviano Machado, do professor Cícero Pereira, de Rodrigo Agnelo Antunes, do Senador Camilo Chaves, de Bady Cury, de Antônio Loreto Flores, de Antônio Aleixo Martins, do nosso sempre lembrado Virgílio de Almeida e de tantos outros, sem olvidarmos Dona Guiomar Lélis Pereira, Dona Paulina Borges, Henrique Kemper e tantos outros companheiros que estão guardados em nossa memória.

Dos militantes, peço licença para considerar o meu profundo respeito à atuação da Ex.^{ma} Sr.^a Maria Philomena Aluotto, muito digna Presidente da União Espírita Mineira, nesta Capital, em cujas mãos temos os destinos da orientação da Dou-

trina Espírita no Estado de Minas Gerais.

E destaco, no meu reconhecimento, dentre muitos, José Martins Peralva, Dr. Noraldino de Mello Castro, Dr. Pedro Valente da Cunha, o professor Henrique Rodrigues e tantos companheiros que trabalham pela construção de um mundo melhor.

E peço, ainda, o vosso consentimento para recordar, aqui, com o meu profundo amor, algumas senhoras espíritas de Belo Horizonte a quem devo dedicação maternal, quais sejam: Dona Cármem Pena Perácio; Dona Lucília de Lima Cavalcanti; Dona Laurita Gonçalves; Dona Marieta Nobre, anjos maternais do meu caminho, para as quais se voltam os meus pensamentos de gratidão.

Devo dizer, porém, que a transferência simbólica da honraria desta solenidade aos companheiros espíritas-cristãos de Belo Horizonte não invalida em mim a

orgulhosa alegria de me sentir filho adotivo da nossa Capital, conquanto a minha apagada condição para servir-vos.

Crede, no entanto, que seguirei para a frente, nos dias que a Divina Providência me designar ainda, na presente encarnação, transportando, no íntimo de minha alma, este depósito de amor e de reconhecimento a vós todos, queridos amigos e caros benfeitores belorizontinos, rogando a Deus vos recompense a bondade.

Entretanto, rogo, ainda, a licença necessária para declarar, de público, que a minha dívida de agradecimento e de afeto para com Belo Horizonte é mais profunda e recuada no tempo.

Quero, com permissão vossa, referir-me ao tesouro de carinho e proteção que recebi, na infância, da inesquecível professora belorizontina, que me tutelou espiritualmente na escola e me favoreceu com a instrução do curso primário, reve-

renciando o trabalho de todas as distintas educadoras do Grupo Escolar São José em Pedro Leopoldo do presente e do passado.

Desejo reportar-me a Dona Rosália Laranjeira, a distinta educadora de Belo Horizonte, que entregou a própria existência ao apostolado por amor à criança, deixando-nos perceber que magistério e sacrifício são palavras sinônimas.

Depois de minha mãe, a ela, a professora que me orientou nos primeiros dias, devo a certeza de que a luz de Deus brilha em nossas vidas; de que nenhum valor se obtém, na existência, sem trabalho; que a nossa liberdade tem o tamanho do nosso dever cumprido; que a paz e a união devem imperar sobre nós, em nome de Jesus, acima de quaisquer dissensões a que estejamos inclinados; e de que a violência não nos pode servir em tempo algum.

A ela, à memória dessa inesquecível

professora de Minas Gerais, que foi para mim neste mundo um exemplo e, que depois do adeus ao plano físico, se transformou numa estrela em meu caminho e em meus passos.

A ela, as minhas homenagens que torno extensivas a todas as professoras da infância, especialmente às senhoras professoras do ensino primário, porque, depois de nossos pais, delas recebemos as primeiras luzes para a vida.

Saúdo, em memória de Dona Rosália Laranjeira, a mesma educadora que nos deixou as bases do Grupo Escolar Prof. Caetano de Azevedo nesta Capital.

Saúdo, em memória dela, a todas as senhoras professoras da Escola Primária, a todas que se dedicam às crianças em Minas e no País, porquanto a elas devemos os alicerces da cultura e da religião, do progresso e da ciência, do trabalho e da arte, da evolução sobre múltiplos modos e

da sublimação espiritual na orientação da brasilidade cristã, que ilumina o nosso país à frente do mundo.

Aqui, a emoção traça limite à minha pobre palavra.

Agradeço à muito digna Câmara Municipal de Belo Horizonte a magnanimidade com que me acolheu neste recinto e nesta solenidade. Agradeço, mais uma vez, ao Dr. Sérgio Ferrara, D.D. Vereador à Câmara Municipal de Belo Horizonte, a elevada concessão deste momento.

Agradeço a presença de todas as dignas autoridades que nos acompanharam com tanta bondade e com tanta distinção neste recinto. Agradeço as gentilezas recebidas do Cel. José de Andrade Drumond, D.D. Ex.^{mo} Chefe do Estado Maior da Polícia Militar de Minas Gerais.

Agradeço as atenções do Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco de Paula Andrade, M.D. assessor da Presidência da Câmara Muni-

cipal de Belo Horizonte.

Agradeço à União Espírita Mineira.

Agradeço à delegação dos amigos e companheiros da Capital de São Paulo e das diversas cidades paulistanas que aqui se reúnem conosco e que prestigiaram nossa solenidade.

Agradeço às delegações das generosas instituições espíritas-cristãs em diversas cidades de Minas Gerais que aqui se fazem representar. Agradeço a todos os amigos de outras regiões e de outros Estados presentes conosco.

Agradeço, nesta hora de profunda significação para minha vida, agradeço à cidade de Pedro Leopoldo e à cidade de Uberaba a felicidade de trabalhar, de viver, de confiar, de esperar em Jesus e de poder guardar a minha fé espírita-cristã como florão maior dentro das imperfeições que carrego.

Agradeço a cooperação da senhorita

professora Maria Elpídia Lisboa, incansável amiga que nos prestigiou na comissão organizadora desta solenidade.

Agradeço a cooperação do Coral Ars Nova, da Universidade Federal de Minas Gerais, na presença do Dr. Márcio Veloso e do Sr. Maestro Carlos Alberto Pinto da Fonseca.

Agradeço as atenções da imprensa falada, escrita e televisada da nossa Capital, imprensa essa que nos dispensou tanta magnanimidade, tanta gentileza. Agradeço a todos os amigos aqui presentes conosco.

Agradeço àqueles que oraram, pedindo para que a minha palavra pudesse, de algum modo, ser ouvida com o amparo dos Amigos Espirituais, embora eu não tenha recursos de filtragem para traduzir o reconhecimento que me vai dentro da alma.

Agradeço, por último, a presença de meus queridos familiares, que nunca inter-

feriram na mediunidade colocada em minhas frágeis mãos.

Agradecimento que é de coração, porque de todos tenho recebido apoio, compreensão, carinho, solidariedade, para que não se comercializasse o trabalho daqueles que nos orientam de uma Vida Maior.

E agradeço a Belo Horizonte, a todos aqueles que se encontram na órbita da vida administrativa, religiosa, cultural, de trabalho e de progresso que caracteriza a presença de Minas Gerais.

Agradeço a todos pela gentileza, pela magnanimidade do acolhimento desta hora.

Encerro pedindo a Deus que nos abençoe, que mantenha Belo Horizonte como sendo coração vibrante da terra que Deus nos concedeu para nascer, cooperando no progresso e na união de todos, unindo os sentimentos generosos do povo

de Minas aos sentimentos generosos de todos aqueles que se encontram em outras unidades da Federação, para que nós todos, confiando na vitória dos ideais cristãos e da vivência cristã no mundo de amanhã, possamos estar coesos, unidos, cada vez mais unidos, cultivando a paz e a concórdia, o trabalho e o progresso por um Brasil maior com Jesus e por Jesus.